
POLITICA

OLIMAKUS



1 9 3 0

REDACTORES } *F. P. Dutra Faria* (F. L. U. L.)
 } *Domingos Mascarenhas e Silva* (F. D. U. L.)

ADMINISTRADORES } *Valentino de Sá* (F. M. U. L.)
 } *Francisco Galvão* (F. D. U. L.)

EDICÊE — *Dr. Antonio Sousa Rego*

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol e Santa Catarina, 40-A, 1.^o

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Portugal — 14, Rua da Rosa, 16 — LISBOA

SUMARIO

Pina Manique e o seu tempo . . .	<i>Luis CHAVES</i>
A familia	<i>Franz Paul LANGHANS</i>
Agua turvas	<i>Fernando CAMPOS</i>
Da hereditariedade	<i>Antonio M. do A. PYRRAIT</i>
Letras (Notas para um Idearum portuguez)	<i>Abrantes TAVARES</i>

ASSINATURAS

(Cada série de 10 numeros)

Continente e ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro	20\$00
Numero avulso 1\$50	

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Política

REVISTA QUINZENAL

ÓRGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA E PORTO DO INTEGRALISMO LISITANO

Redactor principal — António de Amaral Pyrrat (F. D. U. L.)

Lisboa, 30 de Abril de 1930

PINA MANIQUE e o seu tempo

UMA figura curiosa e típica da reacção portuguesa contra os ventos de França, que espalhavam sobre a Europa cheia de pavor os chuviços da borrasca revolucionária, foi a do Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique.

Juíz do crime no Bairro do Castelo, perseguiu com zeloso rigor o contrabando que se fazia activamente pelo porto de Lisboa. O Marquês de Pombal, nos seus planos de levantamento económico da Nação e de protecção industrial, deu pelo funcionário que reprimia o contrabando, tanto maior quanto mais rigoroso o proteccionismo. E nomeou-o *Superintendente Geral dos Contrabandos e Despaminhos*, depois *Contador da Fazenda*, comulação lógica de funções.

O autor anónimo da *Historia d'El-Rei D. João Sexto* (vem que se referem os principais actos, e occorências do seu governo; bem como algumas particularidades da sua vida privada vertida do Francez pelo Traductor da Cartilha do Bom Cidadão), (1) chamou-lhe «magistrado ignorante, mas sobretudo activo», e diz que «foi empregado pelo Marquez de Pombal em dar caça aos contrabandistas, o que desempenhou excellentemente, assim como outras taes diligencias, que depois o habilitaram para alcançar o cargo de intendente geral da policia». (p. 32)

Pina Manique, já então *Desembargador dos Agravos da Casa da*

(1) «Lisboa, Typographia Patriótica de G. I. da Silva e Comp. — Rua d'Atalaya, n.º 33.»

POLITICA

Suplicação, foi substituir o intendente da policia Manoel Gonçalves de Miranda, quando este funcionário morreu.

A sua carreira politica teve três fazes distintas: — Antes de homem de confiança de Pombal, foi juiz do crime, e manifestou habilidade, intelligencia e rigor no recrutamento militar por occasião da guerra com a Espanha em 1762, bem como no auxilio prestado ao Principe de Lippe, reorganizador do exercito, em 1763. — Repressor do contrabando foi auxiliar do Marquês, que o escolhia para missões difíceis e ingratas, como essa do assalto da Trafaria, planeado pelo Marquês e executado por Manique, em 1777. — Após a queda de Pombal, serviu D. Maria I que o nomeou por Decreto de 18 de Junho de 1780 *Intendente Geral da Policia*, cargo que manteve na regencia do Principe D. João, até *por imposição estrangeira*, ser demittido em 14 de Março de 1803.

Acumulou a Intendencia da Policia com as funções de *Superintendente Geral dos Contrabandos*, *Contador de Fazenda*, *Desembargador da Casa da Suplicação*, que lhe permitiam grande liberdade de acção.

Não tem sido vista com sinceridade a boa-fé e actividade policial do Intendente, pelos historiadores liberaes, que correspondem com facciosismo doutrinario á única forma que o Intendente da Policia (Pina Manique ou outro) tinha para cumprir o seu dever.

Os cafés são clubes onde se pregam «*aquellas liberdades que têm adoptado os taes chamados philosophos modernos*», queixava-se ele. Na loja de capelista da Rua do Amparo, debaixo do Convento de S. Domingos, no Café dos Remolares, ao ar livre na Praça do Comercio (Terreiro do Paço), no Nicola e outros cafés, reuniam-se nacionaes e estrangeiros para discutir e propagandar noticias de França, como para fazer contrabando de guerra com ella. Os representantes diplomaticos da America do Norte, da Suécia, da Austria, protegiam e activavam o contrabando.

Os emissários do grão-mestre da Maçonaria de Orleans vinham ao continente e ás ilhas; a divisoão inglesa 1797 inçou o pais de lojas e clubes maçonicos. O Duque de Lafões acolhia os «*iluminados*» na sua quinta de Beirão de Prata, onde os neófitos recebiam o seu banho lustral. A Academia Real das Sciencias era um alfofre de peões-livres, a começar no Duque de Lafões e no Abade Correia da Serra, na casa do Poço dos Negros, onde o Duque hospedou o emigrado Broussonet, cunhado de Necker, fugido ao Terror.

O livreiro Borel vendia num ipice mais de dez mil exemplares da constituição franceza, traduzida em portuguez. Na Alfandega eram apreendidos caixotes com livros de propaganda revolucionaria ou pelos menos de tendencias perturbadoras, alguns deles destinados ao Duque de Lafões.

Que cumpria fazer a um Intendente Geral da Policia, côncio da sua missão? O que Pina Manique fez. Perseguir os propagandistas, apreender os livros perigosos, vigiar os indesejáveis, reprimir os jacobinos, abafando-lhes os entusiasmos revolucionarios, evitar em Portugal os crimes e horrores da Revolução.

Os vencidos conspiravam contra o Intendente, cá dentro e lá fóra, a

conspiração da colónia e da impotencia, arma parece que manejada por todos os emigrados politicos em todos os tempos e latitudes.

«Nunca em monarchia alguma se viu pois um tão odioso despotismo, exercido impunemente, durante tantos anos, por um empregado subalterno!» — exclamava o autor anónimo da já citada *Historia d'El-Rei D. João Sexto* (p. 36)

A policia moderna em todos os paises justifica esta accção de Pina Manique. E, se demorou a evolucion do liberalismo em Portugal, cortando-lhe cerce as azas, te-lo-hia traccado sem a entrada de Napoleão no taboleiro politico, para consolidar a Revolução. Repare-se que foi ele que pessoalmente abateu o Intendente; o General Lannes, embaixador francês em Lisboa, pediu a demissão de Pina Manique em 1801; e, a exigencia de Napoleão, por causa de Antoine Mathon de Curnieu, protegido de Lannes, foi demittido finalmente em 1803.

Pina Manique foi então o reagente do nacionalismo português contra as ideias dissolventes, propaladas pelas lojas maçonicas, que ele destruiu. E a prova mais perfeita de ser ele quem estava no campo do interesse português dá-a cinco anos depois, pela invasão franceza de Junot (Novembro de 1807) a saudação que as lojas maçonicas levaram a Santarem ao invasor da Pátria)

«E' preciso considerar isto, para se não ser muito injusto com as personagens dessa época», recomenda Antonio Sérgio no seu *Bosquejo da Historia de Portugal* (1) (p. 54).

Por vezes se teria excedido, mas desculpa-o sempre o melindre da situação. Um homem, que defende á custa de si próprio a integridade espirital da sua Nação e cumpre o seu dever através de tudo, — e Manique até o cumpria contra a côrte que a ele faltava, — pode humanamente enganar-se, mas nunca erra.

Organizando a policia de Lisboa, onde havia tremendos combates nocturnos, e a todas as esquinas se conspirava contra a segurança nacional, o Intendente disciplinou a cidade, europeizando-a, e incubou a conspiração, perseguindo os agentes e assaltando-lhes as **Tucas**, com os seus quadrilheiros activos, espertos e leais.

Mas, se como Intendente cumpriu, foi muito mais longe nas outras attribuições, que lhe competiam. E' que, diz ainda Antonio Sérgio, o único dos historiographos e criticos modernos, alem de Antonio Sardinha, que se honram, sendo justos para Pina Manique: «revelou-se espirito criador, progressivo, no policiamento e illuminação de Lisboa, na fundação da Casa Pia» (id.) 53. Outro artigo o provará.

Luis CHAVES

a f a m í l i a

ORGANISMO natural que tem por fim dar continuidade à espécie —a Família— é a célula primária da sociedade com o testemunho da biologia e da história.

Ela, além da sua finalidade de «laboratório da vida», tem atributos de ordem social que a completam e lhe dão personalidade por direito próprio. A preparação das novas gerações, o encaminhá-las até as integrar na vida como elementos capazes de actuar, são as missões que duma maneira geral lhe compete, e das quais fica sendo responsável perante Deus e os homens.

O Cristianismo instituindo o matrimonio como sacramento, reveste a Família dum caracter divino, em que a união do homem e da mulher se compara á união de Jesus Cristo e da Igreja.

E' aos ensinamentos da Igreja que devemos ir buscar as bases do primeiro órgão social, porque pela sua natureza, não pode ser encarado fora da ideia religiosa, á sombra da qual se formou.

O altissimo papel que tem á desempenhar, no seio das sociedades levou a Família a submeter-se a um conjunto de disciplinas morais, afim do seu funcionamento não ser prejudicado pelas circunstancias dos tempos.

Assim, o matrimonio é *indissolvel* para que, pela perpetuidade, a sua obra encontre plena realização dos seus fins, que devem ser alcançados num meio sempre unificado e isento das oscilações a que os homens estão sujeitos quando uma regra superior lhes falta. E' na necessidade de tornar a Família estavel que encontramos a condenação cabal do divórcio, um dos maiores perigos que ameaçam as sociedades submetidas ás legislações individualistas saídas do *Contrato* de Rousseau e da Declaração dos Direitos do Homem.

Desde que, por uma perfeita formação catolica, os esposos se compenbrem dos deveres da sua sagrada missão, o divórcio é coisa tanto mais inútil quanto é certo que todas as questunculadas caseiras nunca darão ao a um rompimento, mormente quando os filhos são atingidos, porque na maioria dos casos o proprio amor dos pais é o meio mais eficaz de evitar uma separação, mesmo tratando-se de fortes desentendimentos que devem ser apianados pelas transigencias de ambas as partes.

Sem duvida que essas transigencias muitas vezes representam sacrificios, mas não serão eles bem empregados quando se joga a vida, o futuro e a alegria dos seres cuja protecção nos foi confiada e de que temos de dar contas a Deus e á Patria?

Ha quem pretenda justificar o divórcio, alegando que, em muitos casos é o unico recurso para remediar, pela separação, certas incompatibilidades da vida conjugal; mas esses ao argumentarem assim, esquecem-se desta grande verdade; que o bem particular deve ser sacrificado ao bem comum, e que o divórcio generalizado, redundaria como redundaria, num mal social.

Tornado legal o divórcio, dá motivo, a que frequentes vezes, pequenas discordias servem de pretexto á sua efectivação, levando-nos a concluir como A. Comte que «a facilidade de o fazer, provoca-os». Pelos seus efeitos ele faz cessar, quando em geral ainda é necessaria, a acção do meio ambiente familiar sobre os filhos, sendo condenavel não só pela falta que provoca no trabalho educacional, mas tambem pelo pessimo exemplo que representa, nomeadamente quando se dá naquella altura em que os filhos são o espelho dos pais.

Os resultados abominaveis deste metodo de solucionar questões, provam-no as estatisticas de coeficientes assustadoramente grandes, que demonstram não ser pelo abrandar da disciplina que se consegue resolver os problemas sociais como, para vergonha sua querem os modernos legisladores.

A indissolubilidade matrimonial ainda é a melhor garantia de paz entre os conjugues.

Mas para se conseguir o cumprimento das determinantes do estado, não basta que os laços de união entre o homem e a mulher sejam perpetuos e indestructiveis, é tambem indispensavel a presença dum poder que presida aos destinos da Familia e com o qual, pela atmosfera de respeito que está rodeando, ela possa, munida de autoridade, atender á direcção dos seres a criar. E' o patrio poder ou a intervenção dos pais no acto de conduzir os filhos. /a

E' claro que o homem por sua natureza está revestido duma autoridade que lhe dá a categoria de Chefe e Cabeça do Lar. A sua constituição organica de mais forte, estabelece-lhe obrigações e direitos que lhe concedem o privilegio de ser obedecido, respeitado e amado pela mulher e pelos filhos, sem contudo nunca cair em tiranias que trairiam o verdadeiro sentido da sua missão de proteger, sustentar, educar e tambem amar aqueles que lhe estão sujeitos. 2/0

O homem deve vêr na mulher a companheira fiel e leal—a sua cooperadora — que no decorrer da vida lhe servirá de ajuda e de estímulo, que o consolará nas suas tristezas, encarando de animo forte, como compete a uma hãa cristã, as atribulações de que a existencia está cheia; que nos momentos de alegria será feliz na felicidade do marido, e que por fim, este, deverá vêr nela o anjo do Lar, onde pela sua suavidade impera e se impõe á veneração e respeito dos seus.

E' no desempenho da missão de Mãe que a mulher mais se nobilita, quer pela vida de sacrificios, quer pelos encargos e responsabilidades a que, apesar d'algumas alegrias, ella está sujeita pelo seu natural condicionalismo.

Criando os filhos do seu proprio sangue até aos primeiros passos, a

Mãe, quando estes entram na idade da compreensão, tem o dever de lhe ir preparando, com sãos conselhos e bons exemplos, o caracter ainda embrionario e pronto a evoluir, para quando chegar á altura da formação intellectual, eles estejam aptos a receber os conhecimentos humanos, mas armados para as ciladas com que esses mesmos conhecimentos costumam surpreender os que andam desprecauidos. Depois de criadora ela é educadora. A sua responsabilidade está contida nos resultados destas atribuições.

Firmada a estabilidade da Familia pelo matrimonio indissolúvel^o mantido o equilibrio e o respeito pelo patrio poder, resta-nos apresentar o elemento dinamico, o elemento inspirador que une e anima todas as partes constitutivas do orgão, impelindo-o para as suas finalidades: o amor.

Bondade masculina no homem, bondade caridosa na mulher, bondade respeitadora nos filhos, eis os sentimentos que devem ser prenes e activos na vida conlugal e paternal. Como Jesus ama a Igreja, o homem ama a mulher; como a Igreja ama os fieis, os pais amam os filhos.

E' a logica perfeita das doutrinas do catholicismo que busca em cada principio teologico a razão de ser de todos os fenomenos da nossa vida.

Para que a Familia forme uma engrenagem bem ordenada é preciso que o matrimonio seja indissolúvel, que os pais estejam revestidos de autoridade e que, acima de tudo, o amor una num feixe harmonico, pai, mãe e filhos.

Encontramos na Familia duas especies de funções: uma de ordem biologica—função reproductora, outra de ordem sociologica—função educadora. Sempre que ela se afasta destes seus fins, pratica um mal e uma imoralidade.

sem aquelas facultades reproductoras, que acima reconhecemos como uma das suas principais funções, a Familia torna-se meio de passatempo lascivos e deixa de convergir para o seu verdadeiro objectivo, estagnando na sua improductividade, como coisa inutil. Temos então um dos mais graves defeitos das sociedades contemporaneas—o neo-maltusianismo—que tão grandes desastres tem produzido nas populações, provocando uma tremenda crise de natalidade, prenuncio de decadencia do povo em que grassar esta epidemia moral. O mais abominavel é o facto de se querer defender, baseando-se ora na sciencia, ora nas necessidades sociais, este duplo crime, duplo por ser um assassinato e um autentico roubo. Assassinato porque implica impedimento de vida, roubo porque, praticando-o, tira-se almas a Deus e homens á sociedade.

Entre nós foi este assunto maravilhosamente tratado pelo notavel drama urgo ser. A. Cortês em a sua peça *Oiro*, infelizmente pouco conhecida e pouco apreciada por não estar ao alcance da mediocridade do nosso publico.

Com ela o autor quiz provar, que por maiores que sejam as razões, mesmo tratando-se de casos patologicos, o homem não tem o direito de intercetar o caminho normal da natureza na gestação de novas vidas. O neo-maltusianismo é como o divorcio, uma das causas de degradação da Familia, que se deve combater energeticamente para que não venha a suce-

a/2/

der entre nós, o que aconteceu em França, onde a densidade de população sentiu uma tão sensível baixa, que o proprio governo assustado, teve de instituir, para as familias mais profleras, premios avultados e innumeras vantagens.

Crescer e multiplicar é a determinação Divina que impulsiona o renovar constante da humanidade, por intermedio da Familia na sua função reproductora. Reproduzir é, alem do dever, a maior ambição do homem que não quer que seja coisa vã, a sua passagem efemera pela vida.

O papel social da Familia está indicado na sua função educadora. Ao desempenhá-la, para que a moldagem do caracter das crianças esteja conforme com os respectivos temperamentos, ella deve esforçar-se por adquirir um conhecimento completo das tendencias atavicas—más ou boas—que se manifestam no desabrochar da intelligencia, para que assim usando de cuidados especiais e duma attenção consecutiva no desenvolver da consciencia, possa incitar e engrandecer os atavismos bons, fazendo que, pela propria lucta interior, estes anulem as influencias das inclinações perigosas. Por este metodo, o individuo em formação habitua-se a ser o dominador de si mesmo, acostuma-se a conviver com a consciencia e mais tarde, pelo exercicio continuo da vontade, habilita-se a triumphar com mais facilidade na vida.

Ora os pais, pelo facto de o serem, é que melhor que ninguem podem perceber e adivinhar os sentimentos e as predilecções dos filhos quando estão nas primeiras idades. Dai o reconhecermos neles aptidões naturais de educadores, indo contra os reformadores extremistas por pretenderem suprimir a Familia e tornarem os filhos pertença do estado, indigitado successor da instituição. Pondo de parte a já reconhecida necessidade dum meio carinhoso e amavel e analisando só o que se refere ás atribuições educadoras, constatamos que os organismos destinados á preparação inicial das crianças, desde o momento que não seja a Familia, estão sempre condenados a falhar pelas dificuldades que têm em estudar os movimentos intrinsecos das almas pueris, quando estas apresentam, como neste sistema anti-natural, as mais variegadas inclinação e proveniências hereditarias.

O artista que idealiza e concebe determinada obra, começa por moldá-la nos seus traços gerais.

Depois com amor e paciencia vai aperfeiçoando-a, em todos os seus detalhes, até a fazer surgir tal qual a imaginara o seu pensamento, incutindo-lhe o cunho da sua arte. Succede com os pais o mesmo que com o artista, e é no amor logico do autor á sua obra que buscamos a melhor defeza das qualidades inatas da Familia na sua função educadora.

A sciencia demonstra que existe um principio organico em todos os fenomenos universais. A humanidade na sua estrutura não foge a esse principio, sendo comparada a um tecido formado por fibras e células. As fibras constituem as diversas raças, e as células são os pequenos nucleos reproductores que mantêm o renovar constante da vida sobre a terra. O homem isolado, tomado base do edificio social, daria a este a

consistencia dum monticulo de areia, solto, desagregado, sujeito á dispersao, movel e sem forma.

A' face da sciencia e da historia, á face das suas proprias funções, a Familia é a celula primária da sociedade, em prejuizo das teorias utópicas do individualismo.

Unidos pelo matrimonio, o homem e a mulher serão, conforme a velha divisa cristã: *Cor uno et anima una.*

Franz-Paul LANGHANS.

aguas turvas...

Um colaborador do «Diario de Noticias» informava recentemente os seus leitores na secção *Aguas Correntes* de que «Leon Daudet pede, quasi diariamente, a guilhotina, com o acompanhamento filarmónico dos mais espantosos insultos para Poincaré, Briand, Gaillaux, Malvy, etc., etc.»

Ora, a verdade é bem diferente. E, por isso mesmo, não deixarei passar a referida informaçao sem o devido correctivo, para que os leitores das «Aguas Correntes», assinaladas por Y Grego, não vejam erradamente no ardoroso polemista um novo Fouquier Tinville do século XX...

Léon Daudet nunca pediu a guilhotina para os seus inimigos politicos, e até porque, sendo um reactionário impenitente, lhe repugnaria decerto recorrer ao emprego desse aparelho de invenção revolucionária...

É manifesta a sua repugnancia pelo macabro instrumento dos *Libertadores* de 89, e alludindo á Revolução Francesa, já lhe chamou «l'encartement des Droits de l'Homme par la lanette de la guilhotine» (*Courrier des Pays-Bas* vol. III, pag. 244), definição que é, para nós, curioso aproximar desta outra de Camilo Castello Branco, que chamava ás doutrinas revolucionárias «as doutrinas da regeneração social pela guilhotina» («Amor de Perdição, 1.ª ed. pag. 14).

Está pois em erro o *tolerante* colaborador do «Diario de Noticias» O que Léon Daudet por mais de uma vez tem pedido é coisa diversa do que supõe, ou lhe disseram as más linguas democraticas. O que ele já tem pedido é o *potEAU de Vincennes*, como costuma dizer, ou antes, a applicação da lei franceza do fusilamento, para os traidores declarados á sua pátria. Assim é que está certo.

Y Grego, o colaborador do «Diario de Noticias», *vê-se-hia grego* a valer, se lhe exigissem um texto de Daudet em que o grande jornalista pedisse a guilhotina para alguém, ou a pena de morte para Poincaré, o que viria nesse caso a transformar as suas *Aguas Correntes* em verdadeiras *Aguas turvas*...

Servam ao menos estas linhas para convencer o cronista do «Noticias» de que é sempre perigoso falar *de ouvido*...

Fernando CAMPOS.

da hereditariedade

Tão admirável e completo é o sistema político que da Franc-Maçonaria Judaica a Europa recebeu na data triste de 1789, que depois de assegurar aos homens o gozo tranquilo dos imortais princípios, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, quiz também graças à sapiente instituição do voto, fazer participar todos os mortais nas glórias do mando e nos segredos do governo.

— Prometia, com efeito, ser madrugada feliz de nova era, o agorizar do século setecentos! —

Os homens até aí escravos da prepotencia real, trabalhando de sol a sol para o senhor poderoso favorecido da sorte, comprando muito caro o pão do seu sustento, ingressavam numa ordem social nova aonde a Sciencia lhes proporcionava delicioso viver, fazendo-os livres, iguais e fraternalmente amigos.

Não mais senhores; não mais escravos: todos mandariam para que ninguém obedecesse!

E a ingenuidade humana, longe de reparar em tão brutal contradição, confiava nas promessas revolucionárias, fazendo actos de fé sobre os dogmas ridículos mas crimonosos da liberdade humana e do sufrágio universal. Todos votando escolheriam os chefes, e estes governariam em nome daqueles que os elegessem.

Era o governo da Liberdade, o governo da Competencia, a substituição do acaso pela escolha sensata e consciente.

Antes se volveram após a fatídica proclamação dos direitos do homem e a Europa afogada em sangue viu uma a uma, a braços com a anarquia, as diversas pátrias rompendo com os seus moldes tradicionais, substituirem o poder hereditário e tradicional dos Reis, pela escolha fácil ao arbitrio das multidões ignorantes. Nos altares da Liberdade imolaram-se as melhores vítimas, multidões inteiras foram sacrificadas aos mitos da Igualdade e da Fraternidade, destruiu-se o melhor do que de bom havia nos costumes, nas instituições e no governo, corrompeu-se o povo, adextraram-se assassinos e legalizou-se o crime, mas a felicidade prometida pelos alviçareiros da revolução, ainda não chegou e praza a Deus que nunca chegue, porque razões de sobejo temos para acreditar que ela seja qualquer coisa de muito parecido com o regime de crime e de infamia, que martiriza os pobres russos nossos contemporâneos.

Muitas desgraças nos trouxe o regime do voto e gravíssimas senão irremediáveis seriam as consequências de novamente o termos por sistema político.

Necessário é portanto fixar ideas, neste momento em que os campos se extremam, e em que todos se preparam para a luta grande, talvez decisiva, da Ordem contra a desordem, da Luz contra as trevas.

Não precisamos de folhear a história, de buscar exemplos, para comprehendemos a suprema razão de ser da transmissão hereditária do poder, muito antiga, coeva do tempo dos patriarcas primitivos.

Não se defende a hereditariedade como principio de selecção, defende-se como unica solução do problema da continuidade do poder, como garantia certa da prosperidade e integridade de um povo.

A cerebrina teoria de que os governantes devem ser os homens mais inteligentes e cultos, perde dia a dia adeptos nos domínios da sciencia, do estudo e da opinião ante os nenhuns beneficios que para as nações advieram de terem sábios presidentes da república.

A eleição do melhor é o concurso, é a rivalidade, é a luta, é a divisão do intellectualismo nacional em partidos que mutuamente se degladiam, esquecendo os seus deveres para com a pátria e recusando por intrigas e melindres cooperar com o seu valor para a sua prosperidade e engrandecimento.

Na transmissão hereditária não há rivalidades, não há partidos, não há lutas: o Rei é Rei por vontade de Deus e por destino da história, herda de seu pai o passado de um paiz, de que elle é o presente e seus filhos serão o futuro. Independente de coacções e de favores cieciosos no supremo desejo de bem servir a nação nele simbolizada, o Rei chamará para junto de si os homens bons, sábios e intelligentes, podendo substitui-los por outros mais competentes sem arrostar com melindres, porque numa monarquia todos vêem na autoridade do Rei, o interesse da nação. E com razão o fazem, porque identificando-se o interesse da nação, com o interesse do Rei, este se esmerará por bem governar senão pelo amor á nação que seus avós formaram, governaram e engrandeceram, ao menos pelo motivo egoista da felicidade própria e da da sua descendencia.

Os governantes eleitos poucas ou nenhuma preocupações toem com a felicidade da nação e por muito dignos e conscienciosos que sejam, estando no governo de passagem, nunca poderão servir o paiz com a solicitude de um príncipe que nasceu para mandar e que há-de mandar até morrer, confundindo as suas glórias e triunfos com os triunfos e glorias do povo que governa.

O Rei poderá, é certo, não ter as qualidades necessárias para o bom desempenho da difficil missão a que o nascimento o destina, mas nem assim, se perderão as vantagens que nos levam a defender a hereditariedade, porque tal como sucede na propriedade que pelo parentesco se transmite, muito fáceis são de estabelecer as normas porque se regule e se supra a incapacidade do herdeiro: — exista ou

não exista a competência do Rei, seja ou não seja necessário recorrer à regencia ou à substituição, jámais, numa monarchia hereditária a transmissão do poder dará azo a partidos, a melindres e a lutas. (1)

Mas nem por aqui ficam as excelencias da hereditariedade.

A transmissão do poder de pais a filhos não é só a melhor forma, a forma historico-cientifica de dar continuidade ao mando e de escolher quem bem governar, é tambem e com desassombro o podemos edevemos dizer, o sistema de designar a autoridade mais nacionalista que existe.

A eleição é sujeita ás coacções e ao suborno. O ouro tudo pode. Paga votos e eloge presidentes, e sendo na maioria dos casos estrangeiro põe em perigo a integridade da nação independente, porque muito é de recear que o eleito a peso de ouro faça politica des-nacionalizadora a favor daqueles á custa de quem foi feita a sua eleição. E muito maior é este perigo, quando considerarmos as pessoas a quem nas democracias compete a formação das leis, pessoas cujas eleições dependentes do voto são tambem sujeitas á influencia do ouro: bastava uma lei na apparencia inofensiva, autorizando a estrangeiros naturalizados o exercicio do cargo de presidente da republica para amanhã, vermos um russo, um hespanhol, ou um inglés, na suprema magistratura da nação!

O rosário de traições e de crimes de leza-pátria que constitue a história das diferentes republicas parlamentares é prova evidente de que não exagero. De resto, não é preciso retroceder muito em tempo para encontrar nas proezas de Herriot e de Caillaux o exemplo flagrante do patriotismo e da probidade dos estadistas eleitos.

A forma mais nacionalista é consequentemente a unica forma natural do governo da nação. Realidade no tempo e obra d'ele, a nação necessita de um governo que para o tempo seja feito.

E porque a eleição é o governo do momento, só a Monarchia hereditária corresponde á natureza da nação.

O Rei é o presente, mas representa em si o passado e o futuro.

O Rei não é um individuo isolado que a vontade do presente e locasse no poder — é o elo de uma cadeia continua, que no passado e no futuro se identifica com a nação.

Numa monarchia hereditária, não existe apenas um Rei, existe uma dinastia. Não é propriamente a autoridade de um homem, mas sim a autoridade de uma familia.

Sendo familias e não individuos, os elementos constitutivos de uma nação, o governo hereditário é de entre todos o mais lógico, porque é o unico que fugindo ás concepções individuais do mando, coloca no poder uma familia.

(1) As lutas e discórdias que a historia nos apresenta como originadas na successão dos Reis, resultam por exclusiva razão, e inobservancia do principio hereditário.

As condições de que accende as Monarchias, sendo as lutas insignificantes desapparece a lei, na república o facto de eleição é a origem e a causa de todas as discórdias.

Sob o ponto de vista politico a Monarquia hereditaria é o unico sistema de governar que nos dá as garantias suficientes de bom governo. De facto, constituindo o respeito ~~fundamental~~ ^{individual} colectivo, a condição primeira da felicidade e do progresso de um povo, e sendo o bem comum o fim exclusivo, e unico fim legitimo de todo o poder, de forma alguma poderíamos esperar bom governo da parte de governantes que dependentes da vontade dos governados se vêem na triste necessidade de oprimir e de centralizar. O governo da republica nascido da opinião tem como principal preocupação o desejo e a necessidade de a dominar porque dela depende a sua existencia e a sua conservação. Por isso dispõe das influencias e dos cargos publicos não no interesse da nação, mas no interesse particular de seu partido, porque o governo da republica é sempre um governo de partido.

das libe
dades
individua

A republica é o governo da centralização, enquanto a Monarquia hereditaria é o unico governo que pode descentralizar.

Da Monarquia hereditaria á republica democratica, vai toda a diferença que distingue um governo de morte de um governo de vida, porque a descentralização é o unico meio de garantir o respeito das legitimas liberdades, direitos, interesses e iniciativas que constituem o natural viver de um povo e portanto condições necessarias da sua vida e progresso.

O poder forte, continuo e independente, imprescindível ao bom governo e ao respeito das liberdades individuais, colectivas, locais e profissionais não pode ser outro senão o hereditario, o unico que pode condicionar a existencia, a vida e o desenvolvimento das provincias, municipios, corporações e sindicatos, porque superior ás opiniões e aos votos não precisa de oprimir para se conservar.

Uma outra garantia de bom governo, é a responsabilidade de quem governa. Na republica o mandato presidencialista, o rotativismo ministerial e a bulburdia parlamentar impedem o apuramento de responsabilidades não só pelo curto espaço de tempo porque se exerce a autoridade mas tambem porque devido á complicação inerente ao governo das democracias se torna muito difficil, senão impossivel a investigação e a determinação da culpa.

Na Monarquia o poder é responsavel, o Rei responde pelo que mal haja feito, e a nação encontra na responsabilidade do Rei mais uma garantia de bom governo. E' conveniente aqui recordar que compartilhando o Rei a autoridade com os organismos naturais da nação, o poder central da monarquia é incomparavelmente menor do que o poder central da republica, sendo assim muito limitado o arbitrio do Rei, que a responsabilidade e o interesse próprio cautionam.

Uma outra e primordial vantagem do regime hereditario é a educação do Rei. (2) O Rei nasce para reinar e aos sentimentos de fami-

(2) O grande orador americano Hichcock, Sorri se sua terra «the purple of the red» tem um grande slogan, á maneira italiana que a educação do um Rei tem no bom governo de uma nação.

lia une a educação e a formação completa para o officio que ha-de exercer, sendo portanto preferivel a qualquer homem de governo mercenário que de politico tem o modo de vida, mas não a educação e o sentimento.

Nas relações estrangeiras a Monarquia hereditária é a certeza de uma boa politica internacional. A diplomacia é a sciencia do segredo e portanto só existe quando este exista tambem.

Transmitido de pais a filhos atravez de séculos, o pensamento politico de uma familia real, segredo não revelado a terceiros possivelmente traideres, é um triunfo certo para a nação por ela governada. A aliança com a Inglaterra que ainda ha um século nos salvou contra os francezes, o difficil reatar das nossas relações exteriores apoz 1640, o lugar preponderante que Portugal occupou na politica europea, durante o feliz reinado do Senhor D. João V, são obra exclusiva da diplomacia real, como obra da diplomacia real seria tambem o famoso anel do Atlantico, sonho do Senhor D. Carlos I, o grande Rei assassinado, menos vítima das balas assassinas do que das ideas criminosas da geração e do tempo.

— Natural, lógico e scientifico, aconselhado na pratica pela experiencia de muitos séculos de história, o sistema hereditário é o governo que melhor condiciona e melhor garante a felicidade de um povo. —

Não quero de forma nenhuma dizer que ella seja um governo perfeito. Onde está o homem está a imperfeição e na Monarquia como na republica pode haver máus governantes. Quero apenas dizer que o sistema monárquico hereditário é o menos imperfeito, porque tem a seu favor todas as vantagens que acabo de enumerar.

Antonio Maria do Amaral PYRRAIT

LETRAS

Notas para um IDEARIUM PORTUCUEZ

por

FIDELINO DE FIGUEIREDO

ESTAS notas para um Idearium Português que o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo deu à estampa, convencido de que melhor que ele ninguém sabe interpretar os vários problemas que actualmente preocupam a escassa mais dúzia de intelectuais portugueses, empilhados no seu complexo estudo, estas notas, dizíamos, não significam nada, mesmo nada, além do público testemunho da desorientação do autor.

Uma pessoa como o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, que, em outras obras, nos dá já seguras mostras das suas possibilidades, tinha obrigação de ter um pouco mais de poder intelectual e não vir ludibriar o público que, atraído pelo título, caiu no fogo de o ler, procurando em vão as verdadeiras notas para um idearium.

Aquilo que o Sr. Dr. Fidelino escreveu é uma mistificação.

Ne é ao menos o elementar cuidado da coerência, da sempre lógica, evitando contradições !... Nem isso o livro tem.

As contradições, são tão evidentes, tão claras, que nos dispensamos de aqui as apontar, certos de que até o mais desprevenido leitor dará por elas.

Depois, aquela insuficiência crítica, aquela estreiteza de ideas, aquela falta de coragem para apontar uma solução concreta aos problemas abordados, tudo isso faz do livro uma obra de fancaria, puro latão que se esconde sob o ouropeil do título.

Notámos em todo o livro, subtilmente disseminado, um caldo humanístico, que logo supuzemos o Sr. Dr. Fidelino em profunda evolução. Não sabemos porque, acudiu-nos logo a história do mano João que tinha evoluído durante a noite. Colocámo-nos, no entanto, na dúvida mendicida do filósofo e fomos observando... Aquela maneira infeliz como D. Sebastião é de novo tratado no prelo, classificando o seu heroísmo de «evolucionista» e de «loucura messiânica», classificação de resto nada original, foi-nos disposto para assistirmos à evolução. E de facto, no capítulo intitolado «apontamentos para um anti-retrato» o Sr. Dr. Fidelino faz o seu exame de consciência em materia política e bate no peito, cheio de arrependimento.

Não está aí nossa attitude; o Sr. Dr. Fidelino abona-se com hum fuzão, Saint-Beuve.

E começa a história de S. Ex.º:

«Como as leituras se sobrepõem a lição dos sucessos observados, a minha educação histórica e o meu respeito religioso do individuo — a única positiva realidade da vida, que resiste à critica acéptica e à prudência agnóstica, — foram-me conduzindo a um tradicionalismo pedregoso e eclesiástico, poetizado como tudo que foi e se confina no mundo das recordações e saudades».

As leituras e a lição dos sucessos, porém, não deram ao tradicionalismo político e eclesiástico do Sr. Dr. Fidelino aquele caracter de firmeza das conclusões matemáticas. Não, aquilo era só para experimentar, pois «no fundo era como uma estratégia de combate, que, alvejando sempre o mesmo fim, ora se cova com as paredes, ora se oculta num recanto, depois se arrasta por um sulco de terreno, logo corre ao assalto e em seguida se detem num socorro». De todas estas posições estratégicas, S. Ex.º alvejava um alvo e «o alvo era o mesmo: a tirania sobre a alma individual, com seu cortejo de intolerância, incultura, injustiça, paixão e ódio por solidariedade».

Depois, e mais abastio, o Sr. Dr. Fidelino, à maneira de Saint-Beuve, come-nos

mais completamente a sua história: «Partindo dum autoritarismo juvenil e romântico, logo republicanismos idealistas, através dum tradicionalismo estético, moderador da fúria jacobina, chegou um monarquismo insuavel, com a veicula alienada do troco e do alto, *mas es fountat mes reservas et sans y aller*. E que ignotas paragens demandava o «caminho»?... «Verdade, verdade, todo isto era um tactar lento, contraditório, mas nunca bastante, nem calculado, sempre decidido, porque a resultante mesmo com fúrias desvios e paragens, era a recta direcção para a boa ordem da vida interior, para um conceito de Deus, mais vivo do que idealdo...»

Aqui está o drama espiritual do Sr. Dr. Fidelino, a sua evolução permanente, o seu eterno buscar da «boa ordem interior» e o «saesio laborioso do escultor da propria alma»... Onde irá parar S. Ex.?² Já tem tam pouco andar!...

Quem sabe se, sempre insatisfeito, poderá, ao mesmo, dizer como o poeta:

Na mão de Dem, as sua mão direita...

Em matéria politica S. Ex.² já pouco tem para andar!... No entanto, a coragem fez-lhe para dizer abertamente onde vai aculher-se. Não é difícil advinhar, mas tinha mais tobezza a confissão pública.

Certamente, já por influencia da evolução, S. Ex.², um tanto pulorado aqui, de saesio a dizer do integralismo coisas diabólicas.

E' de notar que o Sr. Dr. Fidelino tem uma só vez se refere directamente ao integralismo, preferindo matiezas indirectas como estas: nacionalismo, stadosismo passadista, passadismo, ideas em moda, regresso ao século XVIII, etc., etc...

Ora, esse facto tem a sua explicação.

Poucos dias após o movimento de 28 de Maio, apparece a venda um opúsculo da autoria do Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, intitulado «O pensamento politico do Exercito», no qual S. Ex.² procurava não só justificar a intervenção oportuna da força armada no governo da Nação, mas ainda propôr as directrices da politica de salvação nacional que a Dittadura devia realizar.

Neste pequeno e curioso trabalho, miraculosamente desaparecido do mercado, tem o Sr. Dr. Fidelino algumas palavras de apreço pelo integralismo. Assim a pagina 23 desta obra, lê-se: «O integralismo tornou consciente a vaga attitude mental das set monarquico; fez do anti-republicanismo toda uma filosofia social, uma organica com grande coerência e beleta architectonica, tam suggestiva que mais dum adversario tem dele recolhido beneficia influencias. E logo a pagina 27, volta a escrever: «Ao separatismo ha que opôr a organização. E isto si o vic o integralismo, que com sua doutrina estetica e sem tolerancia attractiva, é o unico pensamento politico, verdadeiramente constructivo, que Portugal ostenta.» Mais adiante, a pagina 49, procurando qua's os recursos politicos que a Dittadura devia aproveitar, escreve: «Senão assim que recursos tem a dittadura na vida portugueza para aproveitar? Apenas a lição magnifica de Soderin, o poder pessoal, directamente intervencionista do studoso presidente, o seu cavalheirismo e o seu espirito exaltativo; e a doutrina organica da extrema direita monarchica, não é presidencialismo e integralismo. Evidentemente, depois de ter escrito o que para aqui transcrevemos, o Sr. Dr. Fidelino bem viu que não podia vir já agredir directamente o integralismo, chamando péssimo aquillo que aconselhava como um sentido excelente.

Vejamos, no entanto, quaes os pontos fracos do integralismo que S. Ex.² pretende alvejar em tantos dos capitulos deste livro. Nota-se muitas vezes que o Sr. Dr. Fidelino tem a preocupação de nos convencer, de convencer toda a gente, de que se historia não se regressa. Mas... infortunadamente de accordo. Claro, em historia não se regressa. Também o conselheiro Acácio o disse já e por isso, descaite o Sr. Dr. Fidelino não não trocamos o luxuoso e comodo rumoavel pela reatada mala-posta — em historia não se regressa. O que se pretende dizer, quando se fala no regresso à estrutura tradicional da Nação, é apenas que, falida a democracia em tantos anos de regabofe, si a restauração daquelles principios de ordem e disciplina, presentes em toda a historia nacional, podem integrar-nos na nossa directra historica. No lento perpassar dos séculos, a nação foi-se arrumando naturalmente até ganhar todo o seu equilibrio, conservando e desenvolvendo as instituições que lhe convinhem e destruindo aquellas que eram ou se tornavam nocivas. Tudo se fez naturalmente, isto é, segundo uma lei natural que preside à formação e desenvolvimento das sociedades, revestindo os modalidades próprias de cada povo. Claro, este trabalho não foi precedido de justificação teóri-

ca, mas foi apenas o produto do próprio instinto de conservação, tão patente nas sociedades como nos indivíduos. Como essas instituições eram boas, perduraram e fizeram-se velhas. Não são boas por serem velhas, mas são velhas por serem boas. O homem é e será fundamentalmente o mesmo e aqui está porque defendemos aquilo que de eterno a poteria gregos.

A obra não é de regresso, mas de restauração, de actualização e que o integralismo tem actualidade até o Sr. Dr. Fidelino o confessa. Ouçamos S. Ex.^a sem reparar na contradição: «Mas a sua cura (de Portugal) depende mais da renúncia a doses bastantíssimas de regresso ao próximo passado—porridos gastos, pessoas gastas, homens de capacidades enquadradas em honas já sem combate e de estratégia arcaica, fazisimos, clientelas devoradas—e ao longínquo passado, nostalgias estéticas fora da realidade. O que de bom se contém nesse passado é precisa característica do século: fortalecimento do poder central e a organização da nação local e cooperacionista. E' curioso a maneira de dizer de S. Ex.^a «o que de bom se contém nesse passado»!...»

Mas é todo o passadoismo, é todo o integralismo, o resto meras consequências vigias doses propostas. Fala ainda o Sr. Dr. Fidelino no regresso ao século XVII, quando se quer referir ao integralismo. A patchoucha, porém, é de tal qual que sem os inimigos mais empenhados em combater o integralismo se servem desse argumento.

Batem-se com outras armas, mas essa, tal fragilidade lhe encontram que não se atrevem a usá-la. Francamente, nós que tantas vezes temos ouvido falar o Sr. Dr. Fidelino na sua cultura histórica, ficámos um pouco atordoados com o disparate. Se fossemos teólogos iríamos jurar que Calisto reincarnara!...

Enfim, sempre perdurarmos ao Sr. Dr. Fidelino todos estes delírios, se S. Ex.^a apontasse corajosamente a solução do problema político português, a estrutura o maior e mais complicado problema nacional. Mas não, S. Ex.^a contenta-se com algumas frases obscuras, atiradas de propósito para que o leitor fique sabendo que não é integralista. E' pouco, mas S. Ex.^a não dá mais.

Diz S. Ex.^a a páginas 73 do livro a que nos estamos referindo, onde os problemas portugueses lhe merecem a indicação sumária da solução, estas palavras, visando particularmente o problema político: «O seu desprovincializar-se lhe propõe a fórmula da legalidade nova, liberta das aderências impuras de falsas ideias em modas. Dão-se alviances a quem conseguir mostrar-nos a fórmula da legalidade nova que Portugal adira, pela sua desprovincialização».

Pois se as provincias estão mortas, tendo-se substituído, em certa medida, os distritos, para que falar em desprovincialização? Isso é-lhe a república, mas com tal vantagem in para os povos, que estes começam a reagir com os seus congressos regionais. Não é mais feliz o Sr. Dr. Fidelino quando a paginas 103 pretende indicar uma solução política para além da Ditadura.

Diz S. Ex.^a: «Mais avante será, pois, dar por finda de vez a missão desses passados, o próximo e o longínquo, o século XIX e o mundo anterior à revolução, esquecer todos os equívocos de capricho e obstinação que nos dividiram e abeir os olhos à realidade para marchar avante».

Marchar avante, marchar avante!

Mag por onde e para onde? S. Ex.^a não o diz.

De positivo sabe-se que não quer voltar nem ao próximo nem ao longínquo passado, mas marchar avante. Pois marche, marche, Sr. Dr. Fidelino, que nem por isso os destinos de Portugal se modificarão.

Abraços TAVARES

ao ritmo da Ampulheta

HOMENAGEM DOS ESTUDANTES CATÓLICOS PORTUGUESES AO SR. CARDEAL PATRIARCA

Não pretendo fazer um relato do que foi essa grandiosa manifestação. Todos os jornais com as suas reportagens, lhes deram a importância que merecia, trazendo pomposas descrições.

Seria de mais vir aqui repetir o que já se tem escrito sobre o assunto, limito-me pois a dizer o que me parece sobre o alto significado desta tão grande manifestação de fé.

O calamos pouco de homenagem, prestado pela academia portuguesa, a Sua Eminência o Sr. Cardinal Patriarca de Lisboa, foi sobretudo significativa. Não seria um entusiasmo passageiro, alvorçado, baseado em nada, ou quasi nada, fragilidade nas últimas horas, que conseguiria reunir ali centenas de rapazes, a fazerem êcar num momento prezoso da fé: Viva Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca! Viva o Mestre insigne!... Mas, tantas almas reunidas numa só pela mesma crença, pela mesma sede de Verdade, pelo mesmo desejo de publicamente afirmarem a sua fé e a sua sagração ao Deus escolhido de Deus, não podia ser o fruto de um entusiasmo de ocasião, mas, sim, algo de maior, de mais sobre, e até de mais imperioso.

Era o voz do sangue... Os sangues portugueses que querem continuar a sê-lo.

Sim, quem descohece que o povo português é profundamente religioso, e se o não fôr faltaria a uma das suas mais sagradas tradições!

A sombra da cruz, insigne distintivo do cristão, consolidou-se o trono de Portugal; a sombra da cruz lançou-se contra os infiéis que tentaram devastar o nosso território.

A sombra da cruz, sobre as embarcações sulcaram *«mari nostra Pátria»* navegando, levando o conhecimento da religião de verdade às terras onde era desconhecida. E seja uma dessas embarca-

ções, pelos nomes sugestivos que lhe deram eram uma verdadeira profissão de fé: Bom Jesus, Senhora dos Navegantes, Consoledora dos aflitos.

Haverá quem, lembrando destes demonstrativos nomes, não sinta palpitar no mais íntimo do coração um cephalo justo de pertencer a essa raça de grandes que, pulsados pela luz da fé, foram transpindo as mares tenebrosas? Ah! Eles eram grandes na fé, sustentaram a sua féça incompreendida de munos, essa féça poderosa que transforma os fracos seres mortais em forças vivas e imortedeiras.

«A fé — diz o Paulo — é a força de transportar montanhas».

E essa féça latente no coração de cada filho desta raça de predeterminados, é essa féça que quer reviver com todo o vigor sobre o solo regado com o sangue dos mártires que delenderam o vórtice natal das nações desafiadas.

1. Portugal a ressurgir...

E foi este Portugal encarnado naquelas centenas de jovens que, na manifestação do Senhor Cardinal Patriarca, subversim afirmou a sua fé, foi este Portugal grande que, pela boca dos jovens, seu atenciar-nos o dia da ressurreição. Almas novas, variadas e fortes, ávidas de verdade e de vida sé, agrupam-se em torno daquele que o Senhor lhes deu para guia. Ninguém como o Senhor conhece as necessidades presentes e futuras da nossa Patria; ninguém como o Senhor conhece as excelas qualidades que devem orçar o coração e a inteligência do destinado a o representar no Mundo, e porque o Senhor Deus Omniscente vela pela sua Igreja e sopesa as suas necessidades, por isso Ele nos salvou o Sr. D. Manuel Gonçalves Carneira, vulto Eminentissimo em saber, em bondade, em talento e em virtudes; a sua figura ficará para sempre gravada, tanto na memória como no coração de todos os que o conheceram de perto e sentiram nele o verdadeiro Mestre e amigo, e os que não tiveram a felicidade de o conhecer sentem-se embu-

a o ritmo da

UMA CALUNIA

Nem mamífero largamente distribuído em Lisboa, Porto e Coimbra, verberância o procedimento do Sr. Artur Portela que, numa entrevista com Lerroux, não se lembra haver se como lhe mandara o seu nome de português.

O hispanista, na referida entrevista, propunha-nos a abolição das fronteiras, proposta que ao Sr. Portela não mereceu censura, mas antes aplauso, pois para Lerroux, nos mandou falar como se fosse o futuro.

Apartado e a flagrantemente delicto, o Sr. Portela veio declarar que Lerroux falara apenas nas fronteiras alindanegas e não nas fronteiras políticas. Fosse como fosse, a atitude do Sr. Portela continua a merecer a nossa reprobção.

Nem voltáramos a falar neste assunto, se não fossemos excessivos Jacobinos de certos delinquentes e extrajurídicos do jornalista do «Diário de Lisboa».

Voltado já bastante tempo, Carmen Marques resolve aparecer em defesa do Sr. Portela e desata a acusar-nos, e nós integralistas de, com António Sardinha a frente, defendermos a união ibérica. Não disse a esportista sarda de Carmen Marques onde ela colher tão preciosa infor-

mação. Não disse nem o pode dizer nunca.

Toda a gente sabe, menos a virago arrogante, que em 1913, quando a nossa desordem interna excedeu em Espanha o estado ibérico, o integralismo português na Liga Naval uma série de conferências, reunidas depois no volume «A Questão Ibérica», que são a primeira tentativa honesta de dar ao nosso nacionalismo uma consistência própria, fora das rasas estreitas do nosso historicismo.

Carmen Marques, porém, não conhece este livro nem dele teve notícia e foi tentando vem acusar-nos. É o seu processo demagógico da calúnia... E não a pensarmos que o processo era jesuítico?...!

Felizmente que, pela falta onde aqui e pela sua auto-n, tudo nos garante uma proviência de republicarismo quinquagemas para...

Na «Aliança Peninsular» Sardinha, levado num grande sonho, viscoso tenia aliança com a Espanha que, para além do Atlântico, estendesse os braços às repúblicas sul-americanas, pórtica que o génio peninsular sempre, Sardinha viscoso uma aliança pura e simples e não uma federação. Isto é o que toda a gente pode verificar numa simples leitura. Carmen Marques nunca leu o livro e não obstante vem atacar Sardinha de ibérica. Que falta de poder intelectual, que falta de...

Confundida-nos se pôde, apontando o livro ou escrito onde Sardinha ou o integralismo tenham defendido a união ibérica... Vá, amlora, é uma questão de dignidade!... Ojalá, se o reconhecemos nos não fossem e se mais além. Não é esse o nosso desejo, mas se nos obrigarem não hesitamos. Por demais a conhecemos nós...

P. S. — Ao brilhante diário «A Voz» e ao seu ilustre director, a quem a «Política» deve já tanta atenção, em especial transcrições de artigos nossos, agradeceremos o facto de espontaneamente repellar a miserável calúnia com que Carmen Marques pretendeu atingirmos.

da e por aquelle poder de atracção de que são dotados os que melhor trataram em si as peripécias de Jesus Cristo.

Tevo, pois, um duplo significado esta recente manifestação académica: submissão ao Chile, admiração e alerto pelo Mestre Inocente.

Nosso Senhor abençoará, pois, aquella multidão de reves, cheio de boa vontade para bem empregarem as suas energias no serviço da causa de Deus e finalmente vêr com o passar do tempo qual digno de todas as homenagens e protestos de submissão é o nosso Eminentíssimo Prelado.

João V. P. Quirino da Fonseca

Ampulheta

MORTE DE PRIMO DE RIVERA

Faleceu em Paris Primo de Rivera, ex-ditador de Espanha...

Faleceu enquanto os políticos portugueses à Europa do Século XX o seu apertado descurtamento dos problemas nacionais.

A Espanha—não a Espanha descerebrada dos Unáunos e do «esquerdistas sem sensibilidade histórica» mas a Espanha eterna, como povo que tem um lugar marcado na Civilização teve a desluta de ver substituído o seu braço forte de Ditador pelas opiniões primitivas, grotas das aneddotas dos mendigos de Alcaldá e pelas arqueológicas ideologias dos seus piores intelectuais — políticos.

A Provisória que veio pelo Mundo — a cima dos charcos em que as rãs coxam — pode ser que salte a Espanha.

E a História, a luz dessa consciência espanhola mais bem formada, então fará justiça igual que durante 7 anos a livrem dos livros azules da Demagogia.

O seu funeral em Madrid consistiu como que num primeiro despertar da gratidão nacional. E do reconhecimento dos povos que um profeta nunca apreciada na sua Terra e se o vem a ser é lá... depois de morto.

SOB O PODER DE STALINE

A ferocidade dos bolchevistas volta a dar que falar. Os massacres da revolução, chinesa e o completo lago da greve geral inglesa, com o abastamento dos Trade Unions, por em cheque a campanha de imitação organizada e mantida por Moscow, para levar a todas as partes do globo o báculo destruidor da Internacional e abraçada a corrente impetuosa da luta soviética.

Por vezes chegaram a ficar quasi mortos, numa pacotes toda burguesa, o que provocou uma forte reacção por parte dos velhos bolchevistas chefiados pelo eminente camarada Trotsky, firmando o báculo opostionista em cuja plataforma se ergue para e simplesmente o estado de revola-

NO BOM CAMINHO

Conferências: — promovidas pelo «Círculo Nacionalista de Estados» realizaram-se no Porto conferências dos srs. Drs. Hipólito Raposo, Rolão Preto e Luis de Almeida Braga.

Estas conferências constituiram verdadeiros triunfos para a Causa, pelo entusiasmo.

Lidas no Amplo Salão do Teatro Apolo, Terrace, escutadas por muitas centenas de pessoas o entusiasmo provocado, bem evidente em vibrantes manifestações de reacção (Vivas à Pátria e Abaixo a Maçonaria) foi mais um testemunho da pureza de Ideias dos portugueses do Norte e do seu Amor, já tantas vezes demonstrado à dupla verdade católica e monárquica de nossa tradição.

Verdadeiras lições de Moral Nacionalista sobre philanthropismos assuntos muito com ela aproveitados a consciencia monárquica dos nossos camaradas de entre Douro e Minho. Foram portanto jornadas da Victoria, motivo de alegria para todos nós.

ção permanentemente com o seu respectivo alista tratamento complementar sobre todos os outros países.

Os membros do Futuro e o próprio congresso do P. C. mais reflectivos e portam oportunistas, posaram fortes entraves à plataforma da opposição, mas... fosse porque vissem elongado o momento de agir, ou fosse pelo empossamento do báculo opostionista, o que é verdade é que no fim do ano de 1939 e principios de 1940 a seguinte rearmou-se... dois terços da tal plataforma foram adoptados pelo facto e honrada governo da maravilhosa Russia Proletaria, cujas consequências já se fizeram sentir indubitavelmente desde o tempo do general Kozniçoff até a expulsão dos Kozlaks, desde a interna campanha antireligiosa e ecossocialista e até aos tumultos do Indo-China e aos recentes operários na Alemanha. Enfim sob o poder de Staline anda o espirito satânico de Trotsky

a o ritmo da

acrobatas, bailarinas. Mas o mais sensacional de tudo é no fim: a sensacional exibição do sr. Roberto das Neves, aluno do Laboratório da Vida, ou, em pélo. O sr. Roberto das Neves, aluno do Laboratório da Vida, é uma estampa. Plástica irrepressível. Musculatura de aço. Ligadura de quem costuma virar no Pégaso. Não tem mesmo nada que se lhe diga de mau. O sr. Roberto— assim sr., mesmo em pélo— lembra mesmo um anjo do céu...

E o espectáculo termina entusiasticamente, com vivas ao italiano, ao Robertinho, à «Seara Nova», à D. Maçonaria— que se dignou assistir— e à Liga da Mocidade Republicana...

O SUSTO DO UNAMUNO

E O CÃO

Unamuno assistiu-se. Unamuno teve medo do cão. E Unamuno fugiu. E Unamuno caiu. E Unamuno partiu as mãos...

Por causa do infante acontecimento foi adiada em Espanha a proclamação da República. Respiramos. Ao menos por um tempo é adiada a sanção ibérica.

P. S.—Na Federação Académica da Universidade de Lisboa, informam-nos que se vai propor numa das próximas sessões um voto de pesar, pelo desastre de que foi vítima Unamuno. Achamos bom.

ASTRONOMIA

Registou-se o aparecimento dum novo planeta—o Globo—esferoide de mínima grandura cujas características são as seguintes: Como planeta não tem luz própria, recebe-a da estrela que domina o seu sistema e que nos meios da especialidade é conhecida pelo símbolo de V. R. G. S. vulgarmente designada Atro Ver melho.

Para não fugir à regra do seu agrupamento, apresenta grandes manchas rubras e reflexe a luz manista que emana do Atro—rei de que é satélite. Aparece

periodicamente para deslustramento do Universo.

A título de curiosidade apresentamos aos nossos leitores esta nova espécie astronómica, mas como succede com todos os corpos de geração espontânea... está condemnado a desaparecer na poeira cósmica das inutilidades.

A SOMBRA DA BANANEIRA...

Não obstante serem tão poucos, os humaninhos já arranjaram jornalinho: chama-se *Liberdade*, é a succursal académica do *Povo* e sai nos sábados, para a órfão domingo, na cama, de manhã, enquanto se toma o almoço peqüeno...

E' claro que logo da entrada do órgão dos bábos e mais dos banas e bananoides isto sem discutir se elles existam ou não, como diz um illustre articulista do *Povo*, aqui ha dias) a serem comens. Uma linda xadai, de rez para de mostrar. Declararam os bábos mais os bostas e bananoides, que não gostam de nós. A grande novidade! Isso já sabiamos, que não pintados nos pediram vêr...

E' o odio dos fracos, qe e tanto se nos dá como se nos deu. E' o odio de quem está a pedir óleo de fã calhar para as suas idelias...

De resto, confessam os humaninhos que tem vergonha e nojo de si próprios. Que querem então que a gente lhes faça!

Ora os humaninhos, também com o seu jornalinho! Não ha que vêr! Em Portugal, todo heitico aos jornais. Até os bábos mais os banas e toda a casta de banas...

Tudo tem «liberdade» de sentir a parte...

JORNALIS:

Riga 21 — Segundo notícias de Moscou, na conferência comunista, ali realigado, foi declarado que se trabalha activamente dentro das directrices da III Internacional.

Ampulheta

ONR, CASIMIRO

Não conhecemos o Sr. Augusto Casimiro nem, com Ele queremos nada, porque em nada nos interessa. Se hoje nos ocupamos d'Ele, peço de que vamos perdoar-nos, é porque nos irrita o tom doutoral com que, de quando em vez, dá a turba a bomba das suas atenções, nas colunas empoladas do «Diário de Notícias».

Lê-se a prosa do Sr. Casimiro, vê-se, vê-se a ler, e a respeito de idios zero.

As suas rancões esta língua clara e movente de Camões, atirado os termos uns contra os outros numa grande batalha de sinaxar (o Sr. Casimiro andou na guerra) só para que o supunham tam profundo que sem a todos é dado o prazer beatífico de o entenderem.

Outras vezes, quando a prosa é acessível, as ideias, quais larvas ao sol do meio dia, guardam as preferências do genial instinto de escritor.

Eterna argúntia a d'Esta cidade, que, em pleno século XX, não logra maneira de transmitir aos outros o que, vergado sobre si mesmo, as suas faculdades racionantes operosamente conseguem sentir ao seu cosmo interior!...

FIGURAS MITOLÓGICAS

Quando os estudantes universitários católicos saíam do Patriarado, alguns alunos dos liceus (uma meia dúzia) juntam-se com poucos populares tiveram a infeliz lembrança de levantar um debil abate a reacção e que responderem logo vibrantes abate a reacção, que abafaram por completo a voz de lízeus e populares. São mais republicanos do que monárquicos, mais demócratas do que católicos, os estudantes de Lisboa — dizem outro dia n.º O Paiz as vinte e duas pautas (supondo que sejam genios primaveras do sr. Joaquim Serra, ilustre descobridor, mas onde estão, desconhecido sr. Serra, os vossos republicanos, os vos-

sos democratas? Onde estão, que não aparecem? Mas onde estão? Onde?...

An passo que na Sé compareciam mais de quinhentos estudantes e compartilhavam da comédia pascal trezentos e sessenta, no Albo de S. João, na homenagem ao republicano Antonio José de Almeida apenas aparecia uma escassa centena, e quanto valia, não demonstram os vobas e secura que adou: *Vivas a república* (ainda vermelha do sangue de Morais Sarmento) *abate a reacção*, *vobas a Nossa Senhora de Fátima...*

Nem estudantes deviam ser. Deviam ser estas carrocinhas a soldo da maçaneta. As rapas que os cobriam traziam a cavaliçica — a Grãmo Lusitano.

E eram apenas uma escassa centena São tão poucos! Tão pouquinho!...

NA BARRACA DOS FANTUCHES

Alguns meninos — d'esses que andam sempre a brincar aos espanhóis — tiveram um dia médo da reacção, fantasma que lhes tira o sono e lhes faz perder o apetite. E vai das, ajuntaram-se, discutiram, bertaram.

Do herdeiro saiu a Liga da Mocidade Republicana. *Many variations...*

E nós é espera alguma revolução pelo menos!

Em todo o caso, felicitamos meninos e empreiteiros pelo exato da sua ideia. E felicitamos-los também — pelo muito que vamos ter.

Aquilo vai fazer uma séria concorrência ao Coliseu!

Já lá fomos de longos uma vez. Aquilo vale a pena ser visto.

Logo á porta, de monicuco e se terrível, está a sibirica «Serra Nova».

Depois, entra-se na barraca — velhinha, suja, mas perfumada. O *Hostigato* da «Serra Nova» chega até lá dentro...

«Serra Nova» é pessoa fina! É pessoa que se perfuma!

Quanto ao espectáculo, magnifico. Números variadosíssimos. Palhaços — gibos e tortos — a manina do sr. Raúl Bardião,

Integralismo

Uma bela jornada integralista
A posse das Juntas do Porto

Realisou-se, no Porto, no passado dia 11 de dezembro, uma reunião largamente concorrida para a posse das juntas provincial do Douro, municipal e escolar do Porto do Integralismo Lusitano. Presidiu o ilustre advogado e distinto orador sr. Dr. Luis de Almeida Braga, que representou a Junta Central. O sr. Dr. Almeida Braga, depois de ler os nomes das pessoas que honram as referidas juntas, fez o elogio dessas pessoas, salientando as suas qualidades de intelligencia e a dedicação e espirito de disciplina integralista que sempre distinguiram aqueles nossos dedicados amigos. Referiu-se á acção desenvolvida pela Junta Central nos ultimos annos, e pôs em foco, com grandes applausos, as qualidades admiraveis que distinguem o sr. D. Duarte. Declarou-se absolutamente convencido de que uma nova era de grande actividade se está iniciando no Integralismo, como prova esta importante reunião a que vem assistir com grande enthusiasmo e fé.

Falou, a seguir, o sr. Dr. Mario Cardia, que começou por saudar a Junta Central do Integralismo. Depois de fazer varias referencias ás numerosas tentativas, levadas a effeito nos ultimos annos, por elementos nacionalistas, concluiu que, depois de todos os fracassos e de todas as desilções só a Junta Central mantém integro o seu prestigio nos homens que a constituem ainda representam hoje, da mesma forma que há dez, há nove, há oito annos, as melhores esperanças da redenção nacional. Com grandes anlauses, o sr. Dr. Mario Cardia afirma que a união de todos aqueles que defendem as nossas ideias só pode ser feita á volta da Junta Central, e desse principio admiravel, cojas magnificas qualidades elle teve a honra de verificar há cerca dum anno, no encontro de Paris.

Entre outros oradores, devemos ainda salientar o discurso, vibrante de enthusiasmo e de fé nacionalista, do ilustre escritor sr. Eugénio de Belenor, que, com as suas entusiasticas affirmações de esperanza no futuro de Portugal, pelo Integralismo, provocou, no numerozo e distinto auditorio, uma grande emoção, pelo brilho e pela sinceridade com que foram proferidas estas palavras.

O sr. Dr. Simeão Pinto de Mesquita, que é um dos primeiros oradores do Integralismo do Porto, foi saudado pelos aza. Dr. Luiz de Almeida Braga e Dr. Mario Cardia. Estas justas affirmações feitas aquelle distinto advogado dele provocaram um imemerato discurso, declarando o sr. Dr. Simeão Pinto de Mesquita, que só pequenos pontos de detalhe o tinham separado da Junta Central, mas que estava pronto e com todo o seu esforço, nesta nossa fase, para o que antevia tão prometedora de grandes realisações, Integralismo Lusitano.

No fim da reunião, que deixou, em todas que a ella tiveram a ale-

L u s i t a n o

JUNTA ESCOLAR DE LISBOA

NOTA OFICIOSA

Comunicamos a todos os nossos camaradas e amigos que esta Junta na sua ultima reunião resolveu:

a) Nomear para o corpo da Redacção da Política os camaradas Du-
tra Faria (F. L.) e Mascarenhas e Silva (F. D.) e para a administração o
camarada Medeiros Galvão (F. D.).

b) Demittir a seu pedido de editor da Política o camarada Alves Lo-
pes e nomear para o mesmo cargo o camarada Souza Régio.

c) Lembrar aos estudantes integralistas de Lisboa que lhes é defeso
fazer parte de quaisquer formações politicas estranhas ao Integralismo
Lusitano ou não autorizadas pela Junta Central.

d) Congratular-se com os camaradas Francisco Galvão, Quirino da
Fonseca, e Amarel Pyrrait pelo brilho que revestiu a justissima homene-
gem dos estudantes catolicos portugueses a (S. E. o Cardinal Patriarca de
Lisboa.

gria de assistir, a mais gratas recordações, o sr. Dr. Luiz de Almeida Braga
voltou a falar, salientando o facto de vêr, neste simples acto de posse das
nossas juntas integralistas, muitas pessoas virem propositadamente de longe
do Porto, mostrando assim que o Integralismo apresenta um magnifico
vigor, que o ha-de levar ao triunfo definitivo.

Entre a numerosa assistencia, apontamos os seguintes nomes: Dr.
Luiz de Almeida Braga, D. Fernando Tavares e Tavora, Dr. Simeão Pin-
to de Mesquita, Dr. J. Vaz Pinto, Dr. Antonio Lopes de Fonseca, D. José
Ferreira, Dr. Madio Cardia, Claudio Correia de Oliveira Guimarães, Ema-
nuel Luselo da Rocha Brito, Alfredo de Oliveira (Vela Feira), D. João Al-
ves do Vale (Valongo), Antonio Correia de Oliveira Guimarães, Padre
Aribal Bastos (Lamego), Manuel Alves de Oliveira (Guimarães), Dr. An-
tonio Guimarães, engenheiro Augusto Brito, Manuel Barreto, José Fran-
cisco de Silva, Damião Ferreira de Castro, Alberto Pinto Saraiva, José
Moreira Lopes, Eugenio Belencor (Baião), Eduardo Cerqueira, David Mo-
reira, Alberto Pinto de Melo, José Amorim da Costa, Arnaldo Alegre de
Magalhães, Armando Garcia de Lima, Antonio Baptista, José Joaquim Ri-
beiro Maia (Lamego), Eduardo Navarro de Crespo, etc., etc.

No n.º 9 da "Política", comunicamos a todos os nossos amigos a
constituição das juntas do Porto cuja posse hoje noticiamos.

N. R.

Integralismo Lusitano

Tenente Moraes Sarmiento

O tenente Alfredo de Moraes Sarmiento não era sóso camarada; mas era nosso irmão neste mesmo sonho enorme que domina e enche a nossa mocidade: a Restauração de Portugal.

Bravo e leal entre os mais bravos e os mais leais, a sua bravura e a sua lealdade faziam-no um simbolo das mais belas e nobres virtudes da Raça.

A morte surpreendeu-o uma noite... Il longe, nas terras portuguesas de além-mar, onde o seu sonho mais alto se librava.

E o batagão castreal com que a anti-nação festejou mais uma victoria, não se celebrou em nós o desprezo pela crapula que nos avilta e o desejo indomável da Vitoria da Nação.

À missa que a Junta Escolar mandou rezar pelo eterno descanso do herói, assistiram entre outras pessoas os Srs:

Dr. Hipólito Raposo, Dr. José Pequito Rebelo, Dr. Afonso Lucas, Dr. Sarmiento Benedito, Dr. Luiz Chaves, Dr. Alfredo Cortez, Dr. João Amiel, Dr. José d'Arrozella, Visconde de Santarem, Visconde de Baçor, Dr. Vasco de Mendonça Alves, Deilins Mala, Manuel Figueira Freire da Câmara, Augusto Pereira do Melo, Roque Gonçalves Torres, Costa Fella, Lopo e Alberto da Câmara, Francisco da Deus Sequeira, D. José de Menezes Margaride, João Margaride, Francisco Margaride, Hermanno Margaride, Luiz Margaride, Alvaro de Carvalho Nunes, Manuel Boavida Rey, P.^o D. Netto, Alberto de Cabelo (Zumbaji), Francisco d'Albuquerque (Mangualde), D. Manuel de Castro, Alvaro dos Reis Torial, tenente Astorio Metello, Francisco Alto Mearim, Sebastião Calheiros, Manuel Rodrigues, Leal, José Cesteno astasio, Valentin de Sá, Fernaldo d'Ornellas, Amato do Amaral Pyrrax, Alberto de Noronha da Câmara, D. Emilio da Gama Lobo d'Esc, Armando Castelo-branço, José Farinha Pereira, Francisco da Cunha Leão, Dutra Faria, Alvaro Coucho Morgado, Alexandre Most' Alverno, Carlos Almeida Coelho, Astorio Alves Simões, Bernardino dos Santos Mendonça, Luiz Soares, Camão dos Santos, Antonio Pina Fays, José Figueira Freire, Edardo d'Amelida Leitão, Francisco Xavier Avillez, Fructuoso Ferreira e Brito, Antonio Alves, José Afonso da Silva, Carlos de Sousa Rego, Moisés de Tavora, Manuel Ricardo Guerreiro, Augusto Campos, Flávio Moura, Antonio Baptista, Francisco M. Galvão, Manuel Gomes, Antonio Serafin, Astorio Fonseca dos Santos, Francisco dos Santos Silva, Albino Teixeira da Costa, Franz Langhans, Mario Corte Real, João Nunes da Silva, Simão Lopes Gonçalves, João Gomes dos Santos Soares, Eduardo Botelho de Gusmão, Armando de Sacadura Paçcão, Alexandre d'Almeida Fernandes, Antonio Faria de Pina Cabral, Francisco dos Santos, Antonio Santos Abreu, José d'Oliveira Mascareñas, Augusto Ferreira Marreco, António da Costa, Nicolau Monteiro, Agostinho de Jesus, Luiz Moitinho d'Almeida, Pascho da Costa Riba, Augusto do Souto Gonçalves, Alvaro Busquete de Sousa Rego, Armando Lopes, Acacio Rodrigues, José Filipe, Mario Cruz Manuel Gervico de Lacerda, Frederico Correia, Julio Feria, João Sá, Marcio de Moura, Leonel Teixeira de Aguiar, Francisco Godinho Victorino, Merio Vieira, Manuel Serra, etc, etc.

Fizeram-se representes nas Justas Central, Provincial da Extremadura e Municipal de Lisboa do Integralismo e a redacção da «Politica».

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis
Potos - Sillia

CONSULTAS — Largo José Fontana, 12-2.º

às 16 horas

Dr. Mario Gardia

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras. Partos. Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electricidade

AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º — PORTO

TELEF. 4997

MIRA DA SILVA

Médico

AV. ALMIRANTE REIS, 57-A, 1.º

Lisboa

DR COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis

Consultas

LISBOA: Rua 18 de Outubro, 22 — Tel. C. 26.º

Às 14 H.

DAFUNDO: R. Paulo Douçã

Às 17,30 H.

Não ha **CAFÉ** como o de

**A
P
A
U
L
I
S
T
A
N
A**

A' venda no

Largo de S. Domingos, 12

e na Av. Fontes Pereira

de Melo, 52-52.º B

(A abrir brevemente)

AFONSO LUCAS

Advogado

Rua Arco do Bandeira, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

Lisboa

MARTINHO NOBRE DE NELLO

Advogado

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefones Norte 4955

Lisboa

A. Nunes e Silva

Advogado

TEL. C. 642

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

Lisboa

Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

CONSULTÓRIO: Rua Anchieta

Lisboa

Arthur de Campos Figueira

Advogado

RUA NOVA DO ALMADA, 54, 2.º

Telef. C. 3024

LISBOA

Antonio J. Freire

CLÍNICA MÉDICA-PSICOTERAPIA

CONSULTÓRIO: Rua de S.ª Justa, 6, 1.º

As 2.º, 4.º e 6.º — Das 15 às 18 h.

TELEFONE TRINDADE 3584

RESIDENCIA: Rua da Joazeira, 279, 1.º

TELEF. BELEM 497 — LISBOA

Fernando Ferreira Cardoso

Advogado

Proça Luiz de Camões, 22 2.º D

Telef. T. 415

José Guilherme Ayala Monteiro

ADVOGADO

Rua dos Operários 733.º D.

Telefone C. 959

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

DEPARTMENT OF CHEMISTRY
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.



A
P
A
U
L
I
S
T
A
W
A